

## JACKSON DO PANDEIRO: MÚSICA E COTIDIANO

Antônia Cleidivania Pinheiro  
Graduanda – FECLESC/UECE

Rosiane Bento Barros  
Graduanda – FECLESC/UECE

José Deribaldo Gomes dos Santos  
Professor Doutor – FECLESC/UECE

### RESUMO:

A vida cotidiana é a vida do indivíduo, o indivíduo é sempre um ser particular e genérico. Considerado em sentido naturalista isso não o difere de nenhum outro ser vivo. Mas no caso do homem, a particularidade expressa não somente seu ser isolado, mas também seu ser individual. O reflexo artístico rompe com a tendência espontânea, pragmática e economicista do pensamento cotidiano. Os artistas não vivem fora da cotidianidade, possuem como todos os outros homens, o seu particular individual, porém quando se realiza em sua obra ele vai se deixando guiar pela sua maneira e estilos artísticos. Este trabalho é parte da pesquisa "A obra de Jackson do Pandeiro: o cotidiano na obra do rei do ritmo" que pretende investigar a estética na obra de Jackson do Pandeiro, em geral se propõe analisar como se constituiu a trajetória desse artista considerado o rei do ritmo da Música Popular Brasileira (MPB). Especificamente ansiamos compreender os elementos constitutivos dessa obra e como tais elementos são influenciados pela cotidianidade do artista. Nosso método de análise está ancorado no materialismo histórico dialético, especificamente na onto-metodologia marxiana, particularmente, ao complexo artístico nos apoiamos na Estética I de Lúkács, a coleta de dados será extraída de audições minuciosas da obra em destaque e de pesquisa bibliográfica e documental. Como mostra da obra de Jackson do Pandeiro criamos um programa de rádio vinculado na web, no endereço: [www.conexaofeclesc.uece.br](http://www.conexaofeclesc.uece.br), sendo este o primeiro fruto da pesquisa, o programa apresenta a cotidianidade do artista e de sua obra.

**PALAVRAS CHAVE:** música popular brasileira; particularidade; materialismo histórico dialético.

### Introdução

Esta comunicação busca em geral assinalar brevemente o cotidiano expresso na música de Jackson do Pandeiro e como esses elementos do dia-a-dia influenciaram na sua forma de fazer música. Este diálogo se baseia teoricamente na ontologia do ser social em que Karl Marx afirma ser o trabalho elemento da sociabilidade e desenvolvimento da humanidade. No tocante ao complexo da arte nos baseamos em Lúkács, Ernst Fischer, dentre outros autores que discorrem sobre este complexo.

A pretensão por este tema se justifica pela comercialização que está sendo dada a arte e ao artista no atual momento de crise por que passa o capitalismo e, por estarmos em andamento com a pesquisa: A obra de Jackson do Pandeiro: o cotidiano na obra do rei do ritmo, que pretende investigar a estética na obra de Jackson do Pandeiro, em

comum se propõe analisar como se constituiu a trajetória desse artista considerado o rei do ritmo da Música Popular Brasileira (MPB).

Para iniciar nossa exposição é importante destacarmos que conforme Marx o processo de sociabilização se dá a partir da necessidade de sobrevivência do homem. Desse modo, podemos afirmar que a ação produzida para suprir essas necessidades tem como objetivo principal a existência humana. O homem apodera-se da natureza transformando-a, o ato de mudar a natureza para construir algo novo é denominado de trabalho. Em diálogo com Marx, Fischer define o trabalho nos seguintes termos: *O processo do trabalho é ... atividade deliberada ... para a adaptação das substâncias naturais aos desejos humanos; é a condição geral necessária para que se efetue um intercâmbio entre o homem e a natureza;* (FISCHER, 1967, p.21)

O que marca especialmente o salto ontológico da espécie humana em relação às outras espécies é o momento de planejamento das atividades executadas pelo homem, que definimos como teleologia, ou seja, a capacidade de projetarmos nossas ações a priori no pensamento, assim o trabalho é uma atividade especificamente humana não podendo ser produzida ao não ser como um ato de consciência sendo para arte entre outros complexos, fonte de desenvolvimento a ser enriquecido pela mesma.

### **Arte e cotidiano: primeiras aproximações**

Perante o contexto social em que vivemos nos deparamos com a desvalorização da arte. A arte está perdendo a sua gênese devido à comercialização das obras artísticas e dos artistas, segundo FISCHER, “...a arte em sua origem foi magia, foi um auxílio mágico à dominação de um mundo real inexplorado.” (FISCHER, 1967, p.19). Esse papel mágico da arte foi perdendo espaço para o papel de esclarecimento das relações sociais de iluminação dos homens.

A arte era um instrumento mágico e servia ao homem na dominação da natureza e no desenvolvimento das relações sociais. Inicialmente a arte conferia o poder sobre a natureza, sobre os inimigos, sobre o parceiro de relações sexuais, sobre a realidade e sobre o exercício do poder da coletividade humana. No surgimento da humanidade a arte não tinha a ver com a beleza ou com a contemplação estética, era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana na luta pela sobrevivência.

A arte habilita o homem para compreender a realidade e o ajuda a suportá-la e a transformá-la tornando-a mais humana e hospitaleira para a humanidade.

Através da utilização de ferramentas o homem se fez, produziu a si mesmo. A descoberta da menor ou maior eficiência dos instrumentos implicava em uma observação especial da natureza. As tentativas repetidas e frustradas na procura de alcançar um determinado objeto são forçadas a desviar-se para outras coisas, é preciso encontrar o instrumento adequado para conseguir aquilo que não havia conseguido. O homem então conquistou uma nova força sobre a natureza uma força ilimitada.

O desenvolvimento do trabalho exigia um sistema de novos meios de expressão e comunicação que excederia os poucos sinais conhecidos pelo mundo animal. Somente no trabalho e através do trabalho os seres vivos passam a ter muito que comunicar uns aos outros.

Pelo trabalho o homem transforma o mundo como um mágico, objetos materiais são transformados em signos, em nomes, em conceitos. O próprio homem é transformado de animal em homem. Segundo Ernst Fischer, *“Essa magia encontrada na própria raiz da existência humana, criando simultaneamente um senso de fraqueza e uma consciência de força, um medo da natureza e uma habilidade para controlá-la, essa magia é a verdadeira essência de toda arte”*. (1983, p.42).

Através das transformações ocorridas no percurso da história da humanidade, proporcionadas pelo desenvolvimento do trabalho, no processo de objetivação, foi permitido ao homem obter a consciência das propriedades do objeto, bem como, por meio do manuseio do instrumento, o homem tem a consciência da finalidade do seu trabalho. Outro aspecto importante é que a partir do momento em que o instrumento foi constituído pela ação humana, esse passa a ser um objeto social, que, através do trabalho, terá uma função dentro da sociedade.

Não temos anseios de nos apropriar do criterioso ofício de críticos da arte, nos prontaremos como educadores diante da grande obra deixada por Jackson do Pandeiro que nos faz refletir sobre a vida precária da classe trabalhadora.

Destacamos que a maioria das pessoas tem acesso limitado ao patrimônio produzido pela humanidade, consequência do modo de produção da vida material em que vive a sociedade dividida em classes, na qual uma minoria tem acesso à riqueza cultural historicamente acumulada, enquanto a maioria fica a margem desta. À medida que a vida do homem se torna mais complexa e mecanizada, mais dividida em interesse de classe, mais independente da vida dos outros homens e assim esquecida do espírito coletivo que completa uns homens nos outros, a arte aparece ai como forma de refundir

o homem de torna-lo novo fazendo com que o homem se conheça e se reconheça nas várias expressões artísticas, e do cotidiano.

Conforme o pensamento lukacsiano, a estética, é a capacidade do sentir, ou seja, o modo como podemos nos desenvolver na realidade, pois é da vida cotidiana que se retiram as percepções que mais tarde serão objetivadas na forma de reflexos superiores. Sendo a arte uma abstração superior, não pode ser executada de forma cotidiana. Apesar disso, tem sua necessidade no plano diário e volta a este, quando verdadeira, de maneira enriquecida.

A arte realiza tal processo porque graças a sua essência, é autoconsciência e recordação da humanidade, toda obra volta a cotidianidade e seu efeito sobrevive na cotidianidade dos outros.

Portanto, o elemento artístico, ao voltar à vida cotidiana, assenta-se com suas propriedades imanentes, uma vez que é próprio do gênero humano. Contudo, dentro do atual quadro de crise aguda por qual passa o capital desde o século XXI, a capacidade do sentir humano é brutalizada pelo processo de alienação, próprio da sociedade capitalista.

O artista ao criar o seu tempo homogêneo, eleva este cotidiano acima da prática imediata, possibilitando através de suas canções e interpretações, a elevação da autoconsciência da humanidade.

Como forma de aproximação do nosso objeto específico desta investigação, lançamos mão de um estudo documental, bibliográfico e de campo, buscando entender como a obra deste músico surgiu e como suas canções e interpretações influenciou o cotidiano de toda uma geração de pessoas, sobretudo da classe trabalhadora.

José Gomes Filho nasceu na cidade de Alagoa Grande (Engenho Tanques), região do Brejo Paraibano em 31 de agosto de 1919, filho de José Gomes, oleiro e de Flora Maria da Conceição, conhecida como Flora Mourão, cantadora de coco. *“Através de sua mãe Jackson começou a tomar gosto pelo ritmo como tocador de zabumba, após a morte do pai José Gomes, no início dos anos 30, a família decide mudar-se para Campina Grande.”* (SOARES, 2011, p.11).

A forma e o conteúdo musicais de Jackson do Pandeiro narram, de maneira decisiva, no pensamento de um povo que por condições socioeconômicos precisam sair de sua cidade natal para tentar melhorar de vida em uma grande cidade, a narrativa proposta na obra deste artista transmite a vida passada e presente de tantos homens e mulheres que todos os dias lutam por dias melhores.

A obra de Jackson é marcada por brincadeiras de palavras, ecolalia ou duplo sentido, retratando o cotidiano do Nordeste brasileiro o lazer em forma de ritmo, as atividades laborais, principalmente das feiras, e a angústia dos migrantes.

Na música “Meu Enxoval”, de Gordurinha e José Gomes, Jackson revela a dificuldade dessas pessoas para adaptar-se em grandes metrópoles, como também a ânsia de ser vencedor em uma cidade desconhecida e o drama do desemprego. Assim expõe a música,

Eu fui para São Paulo procurar trabalho /E não me dei com o frio/Tive que voltar outra vez para o Rio/Pois aqui no Distrito Federá/O calor é de lascar /E veja o meu azar: Comprei o "Jornal do Brasil" /Emprego tinha mais de mil/E eu não arranjei um só... /Telegrafei para a vovó/Ela tem uma bodega em Recife, Pernambuco/Eu disse pra ela que estou quase maluco/E que não tenho nem onde morar, o quê que há?/Estou dormindo ao relento, valei-me nossa Senhora!/O meu travesseiro é um "Diário da Noite "E o resto do corpo fica na "Última Hora". /Mas se eu voltar, aquela turma lá do Norte me arrasa/Principalmente o povo lá de casa/Que vai perguntar por que é que eu fui embora./Porisso eu vou ficando/Dormindo aqui na porta do Municipal/Com quatro mil-réis eu compro o enxoval:/ “Diário da Noite” e a “Última Hora”.

As músicas que Jackson escolhia para compor ou gravar demonstram sensibilidade e a intensidade de seus questionamentos, pois suas indagações ganham contornos de importância ao fazer com que, quem o ouve, regresse ao cotidiano de poucos anos passados e identifique a situação desordenada que permanece na vida mais íntima da classe trabalhadora nos dias atuais.

Na canção “Rosa”, de Ruy de Moraes e Silva, Jackson denuncia a tragédia das paixões que impõe a traição no casamento, os amores impossíveis vividos com intensidade e ainda o analfabetismo adulto.

Rosa, Rosa, vem ô Rosa/ Estou chamando por você/ Eu vivo lhe procurando  
Você faz que não me vê/ Eu vivo lhe procurando E nem sinal de você./ (coro repete)  
Rosa danada Minha morena faceira/ Minha flor de quixabeira/ Não posso mais esperar./ Fique sabendo/ Se casar com outro homem/ O tinoso me consome/ Mas eu lhe meto o punhá./ (coro repete tudo)  
Comprei um papel florado um envelope pra mandar dizer/ uma carta bem escrita o que sinto por você/ a carta está demorando/ porque não sei escrever./A coisa pior da vida É querer bem a mulher/ A gente deita na rede Maginando por que é/ Com tantas no mei do mundo/ Só uma é que a gente quer./Coro: "Rosa, Rosa, vem ô Rosa..."

A história cantada por Jackson do Pandeiro oferece conteúdos para análise da realidade tanto objetivos quanto subjetivos para quem como ele, tem sensibilidade, sua música também oferece aos ouvintes além da vida cotidiana mais ritmada, possibilidade sobre os próprios atos e acontecimentos.

Com o surgimento da Jovem Guarda em 1964, o mercado fonográfico brasileiro ficou difícil para os artistas nacionais, devido à invasão e a aceitação da música internacional. Nessa época não apenas Jackson do Pandeiro como vários outros artistas principalmente os nordestinos perderam espaço na mídia, como afirma SOARES,

Os nossos artistas, nos anos 60, eram descobertos pelas gravadoras e elas se encarregavam de prepará-los para o sucesso. Participavam da escolha do repertório, produziam os discos e ainda faziam toda a parte de marketing, divulgação e distribuição, sem custos para o artista. Isso tinha o lado bom porque deixava artista livre para desenvolver o seu trabalho e, ao mesmo tempo, era ruim porque criava leigos sem condições de gerir a própria vida, tornando-os desconhecedores do processo desenvolvido para levar o seu produto até o público consumidor. (SOARES, 2011, p.18).

Jackson denuncia a invasão da música internacional, na música “Chiclete com banana” de Ruy de Moraes e Silva.

Eu só boto bebop no meu samba/ Quando Tio Sam tocar um tamborim/  
Quando ele pegar No pandeiro e no zabumba./ Quando ele aprender Que o  
samba não é rumba./ Aí eu vou misturar/ Miami com Copacabana./ Chiclete  
eu misturo com banana./ E o meu samba vai ficar assim: /Turururururi bop-  
bebop-bebop/ Turururururi bop-bebop-bebop/ Turururururi bop-bebop-  
bebop/ Eu quero ver a confusão/Turururururi bop-bebop-bebop/  
Turururururi bop-bebop-bebop/ Turururururi bop-bebop-bebop/ Olha aí,o  
samba-rock,meu irmão/ É,mas em compensação,/ Eu quero ver um boogie-  
woogie De pandeiro e violão. /Eu quero ver o Tio Sam De frigideira/ Numa  
batucada brasileira.

Essa música foi gravada em 1959, em pleno período de desenvolvimento industrial do país, onde as influências estrangeiras eram muitas e de diversas ordens. O artista mostra a expressão de sua inovação ao propor a incorporação das novidades que permeiam o tecido social. O paraibano com sua bagagem musical aproveita-se dos fragmentos da vida cotidiana, funde os sons das feiras, os modismos da cidade grande, que, por sua vez, já esta impregnada pelo som do jazz estadunidense, organiza essa mistura e de forma ritmada transforma a rivalidade entre estrangeiros e brasileiros em uma brincadeira.

### **Considerações finais**

No que se refere a esta forma de sociabilidade, a qual se funda na divisão de classes, há uma limitação para que a maioria dos homens desenvolva suas potencialidades de maneira livre e criadora. O ser social sofre de forma ininterrupta com a negação da faculdade do sentir, enfrentando diuturnamente obstáculos objetivos à

consecução de uma vida plena de sentido. Pressupomos que a arte, no sistema capitalista, sobretudo em sua crise estrutural, compactua com formas desumanizadoras e embrutecedoras, de modo a obstaculizar a humanização dos sentidos na perspectiva do gênero humano.

Cada sujeito se constitui como ser singular pela apropriação da cultura e da experiência histórica da humanidade nas relações educativas que estabelece com o coletivo. Observa-se, no entanto, que há uma contradição fundada na exploração de uma classe sobre outra, o que fragmenta a articulação entre individualidade-universalidade, subjetividade-objetividade. O desenvolvimento humano, no que diz respeito ao seu caráter social, varia de acordo com a classe social, o que provoca um grande abismo entre a vida material e a vida intelectual, devido à exploração do homem pelo homem, fazendo com que poucos tenham acesso às objetivações superiores do gênero humano, como a arte, por exemplo.

Nessa sociabilidade, regida sob o capital em crise crônica, o ser humano tende a permanecer quase que completamente em sua vida animal, limitando-se à satisfação de suas necessidades básicas de sobrevivência e, o pior, aceitando tal fato como natural. Desse modo, o homem é impedido de refinar sua sensibilidade estética. Há, ademais, um processo de desumanização dos sentidos, no qual a faculdade do sentir, quando não é negada, é limitada bem abaixo de suas múltiplas potencialidades humana.

Nos pareceres da sociedade capitalista, a sensibilidade estética tende a esquivar-se perante seus criadores/receptores ante ao imperativo das necessidades imediatas. A organização de relações que constitui o modo de ser da sociabilidade do capital faz com que a maioria dos homens não tenha a sensibilidade contemplativa proposta pelo mais belo espetáculo, bem como o sentido do mineral para o comerciante é tido simplesmente pelo seu valor mercantil, impossibilitando que ele o perceba na sua totalidade.

A obra de Jackson do Pandeiro nos faz refletir sobre todas essas inquietudes e diferenças da sociedade atual regida pelo capital, o artista denuncia as desigualdades sociais em sua música e nos faz discutir sobre o que é realmente arte.

## Referências Bibliográficas

FISCHER, E. *A Necessidade da Arte*. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

LIMA, Alice Maria Marinho Rodrigues; MORAES, Andréa Pereira; MAGALHÃES, Belmira Rita da Costa; FERREIRA, Lígia dos Santos. *Função social da arte e revolução social: uma reflexão no âmbito da estética lukacsiana*. In: COSTA, F.; SANTOS, D.; JIMENEZ, S. (org). **Ontologia, estética e crise estrutural do capital: uma coletânea de estudos classistas**. Fortaleza: EdUECE, 2012.

LUKÁCS, G. **Estética 1** - La peculiaridad de lo estetico. Traducido por Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijaldo, 1965.

MOURA, Fernando e VICENTE, Antônio. *Jackson do Pandeiro: o rei do ritmo*. São Paulo: Editora 34, 2001.

RABELO, Jackeline; SEGUNDO, Maria das Dores Mendes; JIMENEZ, Susana. *A produção do desperdício como princípio da lógica expansionista do capital em crise*. In: COSTA, F.; SANTOS, D.; JIMENEZ, S. (org). **Ontologia, estética e crise estrutural do capital: uma coletânea de estudos classistas**. Fortaleza: EdUECE, 2012.

SANTOS, Deribaldo; COSTA, Frederico. *O trabalho como princípio da sociabilidade humana: a arte e a educação em debate*. In: COSTA, F.; SANTOS, D.; JIMENEZ, S. (org). **Ontologia, estética e crise estrutural do capital: uma coletânea de estudos classistas**. Fortaleza: EdUECE, 2012.

SANTOS, Deribaldo; FRAGA, Regina Coele Q. *O cotidiano na obra de Jackson do Pandeiro: a coisa em si e para si*, In: II Fórum Internacional de pedagogia (FIPED), Campina Grande: EdUEPB, 2009.

SILVA, Marcus Flávio Alexandre; RIBEIRO, Luís Távora Furtado. *Arte e emancipação humana: uma abordagem ontológica para uma nova práxis revolucionária*. In:

COSTA, F.; SANTOS, D.; JIMENEZ, S. (org). **Ontologia, estética e crise estrutural do capital:** uma coletânea de estudos classistas. Fortaleza: EdUECE, 2012.

SOARES, Inaldo. *A musicalidade de Jackson do Pandeiro*. Camaragibe: Editora IGP, 2011.